

## **EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS: FAMÍLIA, SUCESSO ESCOLAR E A PERCEPÇÃO DE ALGUNS UNIVERSITÁRIOS NEGROS SOBRE A COR**

**AMORIM**, Andréia Maria da Cruz Oliveira - NEPRE/UFMT,

**MULLER**, Maria Lúcia Rodrigues - NEPRE/UFMT

**GT:** Afro-brasileiros e Educação / n.21

**Agência Financiadora:** Não contou com financiamento.

O objetivo deste artigo é contribuir para a discussão sobre identidade negra a partir de um estudo que buscou articular a compreensão e a análise entre os processos identitários e os projetos de estudos de universitários negros de dois cursos oferecidos na UFMT.

Através de pesquisas realizadas no âmbito acadêmico e dos estudos de algumas instituições tais como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a cultura - Unesco e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, sabe-se de uma dinâmica perversa que vulnerabiliza a população negra nos diferentes setores sociais.

Trabalhos como o de Henriques (2002) e de Jaccoud e Beghin (2002), iniciativas dessas instituições, divulgam o retrato das desigualdades mostrando que essas são bem mais problemáticas quando incluímos ao estudo a verificação por grupo de cor, o que nos leva a entender que a inclusão social do negro e do mestiço ainda tem ocorrido de maneira lenta e desigual, se compararmos aos alunos brancos.

Entretanto, detivemo-nos em levantar alguns pontos ao que se refere à educação e mais propriamente, sobre aqueles que estão inseridos no ensino superior público, pois, constituiu objeto de análise da nossa pesquisa.

Os dados do IBGE mostram estatisticamente aquilo que estudiosos sobre a temática do negro na educação, como Barcelos (1998), Fúlvia Rosemberg e Regina Pahim Pinto (1986) constataram que às crianças negras e mestiças estão submetidas as piores condições educacionais em relação às crianças brancas.

Pastore e Silva (2000: 12) reconhecem que o ensino superior ainda é ainda bastante elitizado, mas por outro lado, assinalam que boa parte dos estudantes de renda mais baixa está conseguindo entrar e ficar nas faculdades conciliando estudo com trabalho. Esses autores, também trazem à obra citada uma abordagem sobre a mobilidade social, enfatizando a sua relação com a cor e a interferência desta no

preenchimento de melhores posições ocupacionais, bem como à elevação do grau de instrução.

Compreender a ascensão social do universo pesquisado através da obtenção de maiores níveis de escolaridade, implicou conhecer as trajetórias escolares de alguns estudantes negro-descendentes que conseguiram atingir o ensino superior público. Neste sentido, a pesquisa teve como objeto investigativo o negro em situação de mobilidade ascendente, via educação.

Quanto ao termo negro-descendente, utilizamos para expressar o grupo caracterizado como sendo negro e mestiço, o mesmo foi inspirado por Teixeira (1998), de acordo com ela, à sua tese de doutorado, há uma linha que separa aquelas pessoas consideradas como brancas e negras, por outro lado, a não fixidez dentro de uma escala de classificação racial para as que estão entre um grupo e outro, que portanto, reivindicam uma mistura racial.

A autora investigou sobre a ascensão social de alunos negros de diferentes cursos, a partir do relato das trajetórias, constatou os principais aliados foram as estratégias que cada um pôde adotar e a família como uma das principais redes de apoio.

#### Contextualizando o problema

No caso brasileiro, o “Preconceito de Marca” evidenciado por Oracy Nogueira, mostra que a cor aparece como um elemento que pode possibilitar ao indivíduo grau maior, ou menor para se obter melhores posições sociais. A partir do Projeto Genoma sabe-se que, a quantidade de melanina que o indivíduo apresenta, nem sempre corresponde à origem étnica a qual o indivíduo pertence.

Neste sentido, a cor pode ser concebida como mera aparência, no entanto, ela é uma característica de maior peso de discriminação no Brasil. Os trabalhos de Silva (1978) e Hasenbalg (1979) inclusive têm apontado a raça como variável importante na alocação dos indivíduos ao longo da escala social.

A respeito do acesso à educação no Brasil, podemos citar Henriques (2002) por ter constatado a baixa escolaridade da população brasileira como um todo, em média, os negros possuem apenas 5,3 anos de estudo, ou seja, conseguem chegar até a 5ª série e iniciar a 6ª série do ensino fundamental. Também as diferenças persistem quanto aos anos de estudos, em média, os alunos brancos possuem dois anos a mais que os alunos negros.

Até mesmo a expansão do aumento da escolaridade entre o período de 1988 e 1996, com um significativo crescimento dos alunos matriculados no Brasil, não foi suficientemente eficaz e capaz de reduzir as desigualdades do e no acesso escolar da população negra.

Houve uma modesta absorção que de acordo com Henriques (2002: 35-6), apesar da melhoria nos níveis de escolaridade entre negros e brancos, ao longo do século XX, a diferença de escolaridade manteve-se estável entre as gerações.

A população branca está super representada quanto às crianças que não possuem atraso escolar, pois denotam maiores percentuais, já os alunos negros aparecem em menores proporções, além disso, freqüentam escolas cujos cursos oferecidos possuem menos quantidade de horas dadas por aula, como adverte Rosemberg (1986). A precocidade com que pretos e pardos param os estudos é outro dado relevante apontado pela autora.

Para BARCELOS (1993), os índices educacionais obtidos por pretos e pardos são sistematicamente inferiores aos outros grupos raciais. Também, o rendimento na pré-escola (Rosemberg, 1991), o acesso à escola (Silva, Hasenbalg, 1992), o ritmo da progressão escolar (Hasenbalg, Silva, 1990), bem como o tipo de escola que freqüentam (pública e privada), o turno freqüentado (diurno ou noturno) e a duração da jornada escolar (Rosemberg, 1990), são substancialmente diferentes para os grupos raciais. Pretos e pardos obtêm piores índices educacionais.

Com relação ao nível superior, uma pequena parcela dos egressos do ensino médio consegue ultrapassar a fronteira da Universidade, também estão distribuídos naqueles cursos caracterizados como sendo de menor prestígio social. Ademais, as trajetórias escolares dos universitários pesquisados mostraram que seus pais, em geral, são pouco escolarizados conforme a tabela a seguir.

Tabela 1. Nível de instrução dos pais dos alunos.

<b>Escolaridade dos Pais</b>	<b>N.</b>
Não alfabetizado, semi-alfabetizado	4
Ensino fundamental completo	4
Ensino fundamental incompleto	7
Ensino fundamental e médio	3
Ensino médio completo	2
Ensino fundamental incompleto e ensino superior	1
Ensino fundamental completo e em superior. Incomp.	1

Ensino superior	3
Total	25

Fonte: Pesquisa Direta

Quanto à escolaridade de seus pais, constatamos que, 4 deles, são filhos de pais não alfabetizados e semi-alfabetizados; 4 são filhos de pais que concluíram apenas o ensino fundamental; 7 têm pais que não chegaram a concluir o ensino fundamental; 3 deles têm pais que concluíram ensino fundamental e o ensino médio; 2 são filhos de pais que, ambos concluíram o ensino médio; 1 deles possui pais que não concluiu o ensino fundamental e com o ensino superior; 1 dos alunos tem pais com o ensino fundamental e ensino superior completos; e 3 deles são filhos de pais que ambos, concluíram o ensino superior.

Conhecer e analisar a identidade dos universitários a partir do lugar ocupado pela família, passa pelo crivo da especificidade no interior de cada uma delas. Já que os filhos aprenderam com seus pais e familiares, a lidarem com o diferente, adquiriram certos valores frente à escola assumindo determinadas posturas que puderam fazer a diferença com relação a seus pais, isto significa que as relações de convívio desses alunos foram campo propício ao rompimento de paradigma.

Tabela 2. Tipo de trabalho dos pais dos universitários

<b>Ocupação dos Pais</b>			
Camadas Populares	N.	Classe Média	N.
Lavrador, caseiro, roceiro	7	Militar	2
Pedreiro, pintor	3	Servidor Público	2
Assalariado	4	Autônomo	2
Beneficiário do INSS	1	Prop. de Com., autônomos	4
Total	15		10

Fonte: Pesquisa Direta

Considerando que esses alunos são provenientes das camadas médias ou das classes populares, tendo vivenciado diferenças oriundas da inserção de suas famílias no processo de distribuição de riqueza e, assim, o acesso ao capital econômico e cultural, os mesmos podem apresentar diferentes histórias, porém com características distintas quanto às suas chances e a cada uma delas, uma ou mais estratégias para a inserção de seus filhos no processo escolar e os permitir atingir maiores níveis de escolaridades, como o ensino superior.

## Procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da pesquisa

Com objetivo de conhecer as trajetórias e os projetos de estudos de estudantes não brancos na UFMT, preocupou-se com algumas questões: o perfil sócio-econômico dos estudantes; o tempo que levaram para concluir o ensino fundamental e médio e de qual rede de ensino advêm; de que maneira a família e outras redes de apoio contribuíram no processo de ascensão social.

Para verificar aqueles cursos que possivelmente tivessem maior número de negro-descendentes, ou seja, negros e mestiços, realizou-se uma pesquisa documental para levantar informações referentes aos estudos, constantes nas fichas de matrícula do aluno aprovado e matriculado nos cursos de Geografia e Serviço Social oferecidos pela Universidade Federal de Mato Grosso.

Para os trabalhos de coleta, recorreremos ao sistema de arquivo da instituição, na Coordenação de Administração Escolar - CAE, a procura de informações quanto ao percurso escolar dos alunos/as para agrupá-las segundo a cor e ano de matrícula. No entanto, nos deparamos com a falta de fotografia  $\frac{3}{4}$  nos anos de 1997, 1998 e 2001 e em relação ao período registrado, ou seja, de 1994 a 1996 e 1999 a 2000, nossa amostragem constituiu-se de 90% de estudantes ainda não concluintes.

Destacamos, no entanto, que para identificá-los foi necessário o uso do recurso da fotografia  $\frac{3}{4}$ , já que a Instituição não dispõe de qualquer identificação quanto à cor/raça do aluno/a, em seu sistema de cadastro.

Posteriormente, procuramos entrar em contato com os estudantes para que pudessem se autoclassificar em termos de cor e, assim, nos dar o seu depoimento.

Para tanto, detivemo-nos em dois cursos das Ciências Humanas e Sociais, sendo eles Geografia (Licenciatura) e Serviço Social (Bacharelado), cujos números obtidos no levantamento das matrículas efetuadas entre 1994 e 2000 mostraram grandes percentuais (cerca de 70%) de estudantes negros e mestiços.

Sobre os cursos de graduação desta área, TEIXEIRA (1998) em seu estudo também constatou estar majoritariamente ocupado por pessoas de baixa renda e de origem afro- descendentes.

O Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Relações Raciais e Educação – NEPRE, no qual a pesquisa esteve vinculada, promoveu o Censo Étnico racial e através de

pesquisas no Programa de Mestrado em Educação vem desenvolvendo vários estudos sobre o negro na educação.

Os sujeitos pesquisados constituem um universo de 313 graduandos dos cursos referidos, desse número foram entrevistados 25 alunos/as nas dependências da própria Universidade, no Centro Acadêmico, e em algumas salas de aula, durante o intervalo, ou após o término das aulas. As entrevistas puderam ser gravadas mediante o consentimento dos depoentes.

Assim, este trabalho se constituiu de duas etapas: num primeiro momento, pretendíamos verificar a condição escolar dos/as alunos/as matriculados/as nos últimos anos segundo a cor, porém não nos limitando em averiguar apenas o comportamento das matrículas, ampliamos a análise do desempenho escolar entre estudantes brancos e não-brancos, tentando entender, num segundo momento, como a trajetória escolar foi construída de modo que viessem se tornar alunos da UFMT.

Para tanto, detivemo-nos em dois cursos das Ciências Humanas e Sociais, sendo eles Geografia (Licenciatura e Bacharelado) e Serviço Social (Bacharelado), pois o percentual de negros e mestiços matriculados no período de 1994 a 2000 nesses dois cursos chegou a 70%.

Sobre os cursos de graduação desta área, TEIXEIRA (1998) em seu estudo também constatou estar majoritariamente ocupado por pessoas de baixa renda e de origem afro- descendentes.

Inicialmente, pretendíamos localizar aproximadamente 20 estudantes dos cursos de Geografia e Serviço Social e, felizmente, atingimos 25 entrevistas e assim comparamos a cor atribuída à forma como se autodesignaram.

Para tanto, às análises, utilizou-se principalmente, Petruccelli, Stuart Hall, Velho, Alfred Schutz e Moema Teixeira.

A compreensão de raça restringe-se a uma categoria discursiva para as diferenças em termos de um conjunto de características físicas e corporais – “marcas simbólicas” (Hall, 2002), aspectos que diferenciam um grupo de outro. Considerando que o senso comum concebe e incorpora o conceito de raça e que essas raças são diferentes uma das outras, operando como um elemento simbólico utilizado para diferenciar e, por sua vez, produzir uma dinâmica de desigualdade social, racialmente estabelecida.

A identidade é concebida por Hall como sendo uma categoria complexa, contraditória e não globalizante. De acordo com ele, no contexto de uma sociedade

moderna, *dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções.*

Petrucelli (1998) enfatiza a complexidade e a problemática apontadas por alguns autores em torno dos estudos sobre a cor, isto corresponde desde a denominação das categorias, dos problemas de coleta de dados até a sua interpretação, no entanto, para o autor, parecem residir *mais na forma como as ditas configurações são conceituadas, tanto no interior da prática acadêmica como na sua utilização corrente* (1998: 5) que no objeto propriamente dito.

Buscou-se o entendimento de Projeto individual traduzido por Gilberto Velho (1999). Este autor entende “Projeto” como uma *conduta para atingir finalidades específicas* (Schutz apud Velho 1999).

A educação é aqui entendida nos seus diversos espaços de socialização, podendo ser tanto a escola e a família, como as redes de relações, assim, buscamos verificar o papel que a família e a rede de relações desempenharam ao longo do processo escolar dos sujeitos pesquisados, vez que, além de espaços de socialização, são também de proteção, reprodução e formação de identidade dos indivíduos, na medida em que permite que crianças e adolescentes se identifiquem com alguém, com nome, e com projetos.

O que esses autores dizem a respeito da identidade e a percepção dos entrevistados

Percebe-se no relato a seguir, uma compreensão acerca da identidade aproximando-se ao conceito tratado por Hall (2002), isto é, constituída por “processos identitários”,

As relações raciais para esses alunos parecem confirmar as análises propostas por Teixeira e Hall. Algumas pesquisas de campo têm mostrado que não há uma ordem racial rígida, estruturada em categorias intermediárias entre um pólo e outro, contudo, sabe-se diferenciar uma categoria como pertencente ao segmento branco, as demais categorias, através da diferenciação quanto à tonalidade da cor, reivindicam uma identidade mestiça, sem no entanto, tratar-se de negação dos precedentes no histórico familiar.

Para Hall, conforme o segundo descentramento do pensamento ocidental do século XX, que vem da descoberta do inconsciente por Freud, *em vez de falar da*

*identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento (2002: 39).*

Segundo Teixeira (1998: 33-4), se a identidade é uma categoria que tem a ver com cultura, personalidade e, muitas vezes, é definida a partir de experiências de discriminação, o que torna compreensível o fato de não haver familiaridade com a questão racial, pois, é constituída como algo que vem de fora.

Esta estudante, ao considerar nunca ter sofrido discriminação por cor, nos dá uma maior noção ao que se refere à tomada de consciência induzida pelo sentimento de pertença, a partir do modo como somos percebidos pelos outros,

*sempre me reconheci como morena na mistura **porque negra eu não sou de cor**. Mas, pra mim, assim em questão de cor mesmo, eu nunca dei importância (sic) pra isso, até mesmo porque eu nunca fui discriminada, eu nunca senti nenhum tipo de discriminação por minha pele, acho que a gente só sente mesmo a questão da cor quando você é discriminado.(Aluna de Serviço Social). (grifos meus).*

Kabengele Munanga (2002) distingue três formas que, para ele, são de origens diferentes: a primeira é a identidade legitimadora, elaborada pelas instituições dominantes da sociedade, essa cria uma sociedade civil; a segunda é a identidade de resistência, produzida pelos atores sociais que se encontram em posição, ou condições, desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica dominante conduzindo-os através das resistências coletivas a se formarem em comunidades; e a última constitui-se na identidade-projeto.

Nesta última, os atores constroem uma nova identidade redefinindo sua posição na sociedade com base no material cultural a sua disposição. São sujeitos produzidos, quando há no indivíduo um desejo de criar uma nova história pessoal, de dar sentido às experiências de vida individual, este, se transforma em sujeito.

O fato ocorrido e narrado a seguir pela estudante de Serviço Social vai ao encontro daquilo que o autor sintetiza como sendo *pela tomada de consciência das diferenças e não pelas diferenças em si que se constrói a identidade (Cunha 1985 apud Kabengele Munanga 2002: 63).*

*O garoto passou por ela e falou: “você é bonitinha, pena que você é negra!”, então foi aí que me despertou sabe essa... consciência de estar percebendo a minha volta, e ter a noção de quem você é. Então, eu não tinha parado pra pensar nisso. É claro que a gente ao pentear o cabelo, isso era meio incômodo e achava o cabelo até por ser diferente (...), mas, acho que isso se torna mais forte quando você toma consciência de quem você é! da importância que você tem, e o que que você pode ser (...) E eu descobri que não só (sic) pro pobre, mas como pro negro também, era importante que você tivesse algo mais, e que você fosse inteligente que você tivesse... eu, teria que batalhar muito. (...) E eu percebi que a única forma de ter uma vida diferente seria estudando! (Aluna de Serviço Social - negra). (grifos meus).*

O indivíduo não somente acredita que tem de ser algo mais, como também, acredita que estudando poderá mudar a história de baixa escolaridade de sua família. Assim, constata-se o que fora destacado por Teixeira que, muito propriamente, se refere ao conceito de etnicidade como sendo uma questão *que só se coloca numa situação de contato e que só o olhar dos outros impõe a necessidade de se autodefinir.* (Agier, 1991: 7 apud Teixeira, 1998: 34).

Através desse relato podemos perceber como sendo através, não somente da classe social, mas a cor para essa estudante parece ter assumido um papel importante para a que a mesma se situasse diante dos fatos do mundo desde a infância, com os colegas da escola, embora essa relação da diferença racial tenha sido menos tensa, por causa da convivência com outras crianças também negras, ou seja, havia naquele contexto no âmbito da escola, uma relação de igual para igual e por isso não percebia, ou melhor, não se situava enquanto criança pobre e negra.

Este aspecto indica também que, essas relações se tornam mais tensas à medida que se adquire mais estudos, uma espécie de afinilamento evidencia que as diferenças vão se acentuando.

O Sistema de Classificação Racial e a autodenominação: divergências e aproximações entre as categorias do IBGE e o senso comum

Nesse trabalho, para classificar, trabalhamos com o conceito de cor, não enquanto representativa da raça ou origem racial. Entendemos “raça”, enquanto uma categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais que utilizam um conjunto frouxo, freqüentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas, correspondendo, portanto, a *marcas simbólicas* a fim de diferenciar um grupo de outro (Hall, 2002: 63).

Desde 1972, o IBGE preocupou-se com as características de cor da população do país e, recentemente, com a percepção de como a cor de uma pessoa é organizada e denominada.

Em 1976, buscando verificar se as terminologias conseguiam expressar a realidade da população, o IBGE constatou que as categorias empregadas estão presentes nos vários termos utilizados pelos entrevistados. De acordo com Mascarenhas (2002) em cerca de 57% da população investigada aparecem 136 formas de identificação que podem ser enquadradas às categorias censitárias.

Embora ocorra a necessidade de uma categoria específica para cada região do país, as categorias do IBGE estão bem próximas da realidade e conseguem expressar o entendimento e a percepção que os estudantes possuem acerca da sua cor/raça.

Desta maneira, este trabalho seguiu esse modelo adotando categorias do IBGE e as que foram trabalhadas por Teixeira. Além de atribuir uma cor ao estudante durante o levantamento das fichas de matrícula, à fase da entrevista os mesmos se autodesignaram em termos raciais, bem como responderam o que pensavam a respeito das categorias do IBGE, nas quais fazem opção entre uma delas, conforme o quadro elaborado a seguir.

A cor parda foi atribuída para (11) estudantes, cinco também assim de autodesignaram, os seis restantes estão assim distribuídos: morena (3), morena clara (2) e negra (1).

A categoria “moreno” esteve presente tanto entre os que foram considerados de cor parda, quanto aos classificados como “Mulato”, ao todo (7) declararam-se moreno ou moreno claro.

Em geral, os que optaram por essa categoria se recusam a utilizar o termo “pardo”, entendendo não corresponder a sua cor propriamente dita, embora não se aparentem de cor preta, referem-se ao moreno como cor originada da “raça negra” por causa da ascendência, ou mesmo com relação às pessoas do seu núcleo familiar ou grau

de parentesco (avós, bisavós, tios, etc.), e, ao mesmo tempo não descartam a ocorrência de uma mistura racial.

Utilizou-se um esquema de identificação racial buscando apreender qual a proximidade entre maneira como foram classificados e como estes se classificam.

Tabela 1. Percentual das categorias de cor conforme a autodeclaração e as adotadas na pesquisa.

<i>COR DECLARADA</i>	<i>N.</i>	<i>%</i>	<i>COR ATRIBUIDA</i>	<i>N.</i>	<i>%</i>
<i>1. NEGRA</i>	11	44,	<i>PRETA</i>	10	40,
<i>2. NEGRA MORENA</i>	1	4,	<i>MULATO</i>	4	16,
<i>3. MORENA</i>	5	20,	<i>PARDA</i>	11	44,
<i>4. MORENA CLARA</i>	2	8,			
<i>5. PARDA</i>	6	24,			
<b>TOTAL</b>	<b>25</b>	<b>100</b>		<b>25</b>	<b>100</b>

Durante as entrevistas com alunos dos cursos de Geografia e Serviço Social, encontramos os seguintes termos que foram mencionados para se autodenominarem: “negro”, “negra morena”, “moreno”, “moreno claro” e “parda”, esta última categoria parece ser bem mais controvertida que o termo moreno.

Vemos que o maior percentual incidiu na categoria negra, depois em moreno. O moreno aparece relacionado ao pardo e ao mulato enquanto cor, isso confirma haver uma significativa convergência tanto entre as pessoas da categoria negra (ou preta) e parda, mas inclusive com relação à categoria “moreno”, que foi utilizada como critério de atribuição de cor ao moreno claro (pardo) e moreno escuro (mulato).

### Considerações Finais

A respeito das relações raciais e das condições do negro na educação, em especial, no Estado de Mato Grosso, muito há de se fazer e investigar para o aprofundamento dos debates, no sentido de produzir conhecimento científico que contribuam para retratar a realidade dos negros, que se encontram excluídos do contexto escolar, dos que se encontram, em que condições se encontram, bem como, sobre os retornos educacionais, ou seja, quanto ao mercado de trabalho.

Considerando que os alunos pesquisados provêm das camadas médias ou das classes populares, tendo vivenciado diferenças oriundas da inserção de suas famílias no contexto social e econômico e, assim, do acesso ao capital econômico e cultural, os mesmos puderam apresentar diferentes histórias, porém com características distintas quanto às suas probabilidades de subir.

Cada uma dessas famílias apresenta uma ou mais estratégias para conseguir não apenas inserir, mas, mantendo seus filhos no processo escolar, através do tempo que lhes dispunham para estudar, apoio e coragem nos momentos difíceis, e, com isso os autorizaram atingir maiores níveis de escolaridades, como o ensino superior. Os filhos estariam realizando um sonho praticamente impossível de ser realizado pelos pais.

Por um lado, os fortes os indícios, da ausência de mudanças estruturais dentro do sistema social vulnerabilizam as famílias negras que têm de assegurar a mobilidade, ou a mudança de status, a partir de estratégias individuais de ascensão social. Por outro, a relação entre professores e alunos, ou entre os colegas, é bastante frágil e acaba por reproduzir idéias falsas e estereótipos sobre o negro.

Ser negro no Brasil, representa ocupar posições inferiores, logo, a questão racial é tão complexa que, pertencer ao segmento racial negro significa ocupar determinadas posições dentro do sistema social.

De acordo com o atual quadro da situação do negro na educação, que por sua vez tem mostrado uma dinâmica de desvantagens para alunos negros podemos afirmar que o grupo pesquisado apresenta em suas trajetórias diversificadas formas de estratégias individuais e familiares, que por sua vez, puderam garantir o sucesso escolar.

Nos cursos de Geografia e Serviço Social, cerca de 70% são negros, isto significa que, muito embora, fossem remotas as suas chances, obtiveram êxito escolar.

Constatação semelhante na década de 1950, levou Azevedo (1996) a considerar que, *é importante registrar que até este momento, o principal canal de ascensão social, através do qual grande número de pretos e mestiços têm adquirido status elevado, é a educação (...) (166).*

A maioria dos ingressantes veio da rede pública de ensino, boa parte fez supletivo como uma forma de compensar o atraso escolar, conseqüentemente, também em sua maioria ingressou a partir dos 25 anos de idade.

A Universidade Federal de Mato Grosso, para a maioria desses alunos, é considerada uma instituição de ensino público de *qualidade*, nem sempre assegura o melhor emprego, mas, possibilita novas oportunidades de ascensão social, seja através do

status, ou pela transformação desse capital cultural em capital econômico, no qual suas famílias e outras redes de relações como amigos e parentes em muito contribuíram para uma trajetória de muita garra e sucesso.

### **Referências Bibliográficas**

AZEVEDO, Thales. As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social & classes sociais e grupos de prestígio. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1996.

BRANDÃO, André Augusto P. e TEIXEIRA, Moema de Póli. (orgs.). Censo Étnico-Racial da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal de Mato Grosso. Niterói: EdUFF, 2003.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na pós-modernidade. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HASENBALG, Carlos A. Discriminação e Desigualdades no Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca de Ciências Sociais, v. 10, 1979.

HENRIQUES, Ricardo. Raça e Gênero nos sistemas de ensino: Os limites das políticas universalistas na educação. Brasília: UNESCO, 2002.

HOWARD S, Becker. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

JACCOULD, Luciana de Barros e BEGHIN, Nathalie. Desigualdades Raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental. Brasília: IPEA, 2002.

MACHADO, Elielma Ayres, BARCELOS, Luiz Cláudio. Relações Raciais entre Universitários no Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.google.com.br>. Acesso em 15/09/03, (s/d).

OLIVEIRA, Iolanda. “Apresentação”. In RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO: Alguns Determinantes. Iolanda de Oliveira, (Coord.). Niterói, Intertexto, 96 p. Cadernos PENESB, Nº 1, 1999.

OSÓRIO, Rafael Guerreiro. O Sistema Classificatório de Cor ou Raça do IBGE. Brasília: IPEA. Disponível em <http://www.google.com.br> Acesso em 01/dez/03, 2002.

PASTORE, José. Desigualdade e Mobilidade Social no Brasil. São Paulo: Makron Books, 1979.

PETRUCCELLI, José Luis. A Cor Denominada: estudo das informações do suplemento da PME, julho/98, 2001.

PINTO, Regina P. Movimento Negro e Educação: a ênfase na identidade. In: Cadernos de Pesquisa, 86: 25-38. São Paulo, ago. 1993.

ROSEMBERG, Fúlvia; PINTO, Regina P.; NEGRÃO, Esmeralda V. A Situação Educacional de Negros (Pretos e Pardos). São Paulo, (Relatório de Pesquisa. Departamento de Pesquisas Educacionais/Fundação Carlos Chagas), 1986.

SILVA, Júlio Costa da. “Raça e Gênero na Trajetória educacional de graduandas negras da UNICAMP”. In: I Concurso Negro e Educação. Petronilha Beatriz G. Silva, (Coord.) (et al). Fundação Ford, Negro e Educação, pp.53-72, São Paulo: ANPED, 2001.

TEIXEIRA, Moema de Poli. Negros e Universidade: Identidade e Trajetória de Ascensão Social no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 157p. Tese de Doutorado, (mimeo), 1998.

VELHO, Gilberto. Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.